



FAQ NBME

Faculdade de Medicina
Universidade de Coimbra
Rua Larga, 4º andar
3004-504, Coimbra

Fax 239 828 032
Tlm 966 682 481

presidente@anem.pt

www.anem.pt

1. Haverá uma bibliografia específica para o exame?

Actualmente não há uma bibliografia aconselhada para os exames de estilo NBME, no entanto há livros de treino direccionados para estas provas.

2. Será possível consultar a Prova após a sua realização?

Não, mas o processo vai ser mais transparente do que o actual e propõe-se que inclua representantes dos estudantes. Neste ponto o Professor considera que será desejável a ANEM ser representada e não que esteja presente com alguém da sua estrutura já que os estudantes nessa situação estariam numa posição muito delicada, porque teriam acesso a informação que não poderiam divulgar, colocando-se aqui uma questão ético-moral muito delicada. Nesse sentido, o Professor considera melhor a ANEM designar antigos dirigentes, por exemplo, para que sejam representados da forma mais adequada possível. Neste ponto o Professor afirmou também no desenrolar da discussão que as Escolas estão muito certas de que este será um modelo melhor e afirma que as Escolas irão propor o avanço desta proposta.

3. Quantas perguntas terá o exame e qual será a sua duração?

Esta será uma questão a ser resolvida pela Comissão de alteração da Prova. No entanto, o Professor acha que deverá ter entre 150 e 200 perguntas. Afirmou que os especialistas nesta área da avaliação defendem que só esse número de perguntas garante as características docimológicas necessárias para obter um bom instrumento de avaliação, nomeadamente no que respeita à sua capacidade discriminativa.

4. Existiria um júri português? Constituído por quem?

O professor considera que deverá existir uma Comissão de Acompanhamento Nacional. No entanto não lhe caberá a ele decidir. Afirmou ainda que não o espantaria se esta fosse constituída por elementos das Escolas Médicas, Ordem dos Médicos e Governo.

5. Quem estaria encarregue da tradução do exame? O NBME ou algum comité português?

Inicialmente deveria ser o National Board a fazer a tradução que seria depois revista pela Comissão de Acompanhamento. O Professor neste ponto voltou a frisar que os objectivos propostos para este ano eram apenas no contexto da adequação de uma matriz da Prova, pelo que os esforços foram feitos nesse sentido e não na globalidade da Prova. Mediante o feedback recebido pelos questionários irão propor-se algumas alterações para o futuro, mas o Professor acredita que a matriz a ser utilizada no futuro será parecida com a que foi utilizada nesta segunda Prova Experimental.

6. Onde seriam corrigidos os exames? Quanto tempo levaria a correcção e publicação dos resultados?

A correcção dos exames decorrerá no NBME, na América , pelo que se estima que demorará cerca de 6 a 8 semanas.

7. Qual seria a escala utilizada? 0-200?

Esta questão dependerá no número de perguntas.

8. Quem estaria encarregue da vigilância do exame? NBME ou grupo Português?

Esta é uma questão que terá de ser decidida pela Comissão de

Acompanhamento. Este ano os vigilantes tinham instruções de vigilância ao estilo do National Board, mas apenas aqueles que pediram ajuda no âmbito da formação específica é que a receberam. Neste ponto, o Professor frisou mais uma vez que este ano a segurança não foi uma prioridade, contrariamente ao ano passado, em que se considera que a segurança foi muito boa. Neste ponto o professor enumerou algumas questões que depois dependerão dos locais onde a Prova irá decorrer, mas que terão de ser controladas.

9. Qual seria o período de implementação se o exame fosse aprovado?

Pela perspectiva do Professor Nuno Sousa, esta implementação deve ser a mais rápida possível. No entanto, concorda que tal não deve ser inferior a cerca de um ano. Por exemplo, se a alteração ocorresse antes de Janeiro de um dado ano, o Professor defende que nesse ano já se poderia ter a Nova Prova, uma vez que considera que os estudantes não começam a estudar verdadeiramente antes desta altura. Ainda assim reconhece que nesta questão ele tem uma perspectiva muito pessoal, pois acredita que quando uma coisa é unanimemente má devemos mudá-la o mais rapidamente possível.

10. Existiriam provas modelo/experimentais durante o período de implementação?

Para o professor esta disponibilidade depende das finanças da tutela, já que é esta que financia as provas experimentais. Para além disso, tal também dependerá da Comissão de Acompanhamento. Neste ponto e mediante a pergunta anterior o Professor voltou a referir a importância de uma Prova deste tipo não interferir com a vivência do 6º ano, já que actualmente este ano é extremamente prejudicado pelo modelo actual, na perspectiva do professor. Aliás, deu vários exemplos em que os seminários de 6º ano no final do ano em Braga

têm um número reduzido de alunos a assistir, por já estarem a estudar para o exame.

11. Quais seriam as matérias abrangidas? Haveria uma matriz para o exame? Qual seria o pormenor dessa matriz, caso existisse?

Em relação a esta questão, o professor considera que apenas a Comissão de Acompanhamento poderá decidir estas questões. Ainda assim, afirma que não considera lógico que os estudantes tenham acesso a uma matriz muito específica, já que tal fará com que menosprezem algumas matérias por causa da matriz.

12. Porque se está a experimentar este Modelo e não outro?

O Professor considera que este é o melhor modelo disponível e o que tem mais tempo de aplicação e melhores provas dadas.

13. Qual seria o tipo de envolvimento da ANEM na realização da Prova?

Como referido em cima, o professor considera que a ANEM poderia estar presente na pessoa de um “provedor”, que não seja naquele momento estudante de Medicina e que não realizasse a Prova.

14. Pretende-se que a Prova seja sempre feita pelo NBME ou pretende-se que este seja substituído por um comité que actue como o NBME?

Será algo a definir pela Comissão de Acompanhamento.

15. Considerando a hipótese de criação de um Proto-Board, como seria este constituído e que diferenças existiriam relativamente ao NBME e ao actual júri?

Este proto-board no início teria obrigatoriamente de aprender como funciona o National Board, no entanto, maiores detalhes terão de ser ainda estudados e dados pela Comissão de Acompanhamento.

16. Quem será responsável pela elaboração da matriz?

A Comissão de Acompanhamento. A matriz que até agora foi usada foi inicialmente construída com base no feedback da primeira prova e pelas opiniões dos estudantes que estiveram na reunião que decorreu em Aveiro. Como foi dito anteriormente, essa matriz agora deverá sofrer algumas adaptações mediante as avaliações do inquérito da prova experimental.

17. Haverá o cuidado de usar estatísticas epidemiológicas portuguesas nas perguntas da Prova?

Sim, a ideia é que essas adaptações sejam feitas.

18. Com a adopção deste modelo é previsível, a priori, uma mudança posterior e gradual nos vários 6º anos?

Apesar de ser uma perspectiva pessoal, o Professor Nuno Sousa está seguro que sim.

19. Num modelo NBME, todos os exames seriam diferentes em termos de ordem mas com as mesmas

perguntas?

Sim, as perguntas são as mesmas, mas as versões divergem em termos de ordem de perguntas.

20. Que países têm colaboração com o National Board?

No modelo que tem por base o “Foundations of Medicine” (que é a base das provas piloto efectuadas em Portugal) existem colaborações na Bélgica, Itália (uma das regiões), Noruega, Espanha (Navarra) e Alemanha, Polónia, Brasil, USA, ao nível de Escolas Médicas individuais; há vários países que já manifestaram interesse em participar no futuro próximo. No entanto, envolvendo todas as Escolas Médicas nós somos os únicos.

21. De forma a explicitar esta questão, o Professor antevê três níveis de aplicação:

- nível individual – qualquer estudante ou médico pode submeter-se a um exame do “Foundations of Medicine” do NBME de forma a obter uma classificação. Neste caso as despesas ficam a cargo do interessado.

- Nível institucional – neste caso é uma Escola Médica que colabora com o National Board no sentido em que os seus estudantes são avaliados com exames do National Board tendo depois equivalência a este conforme a sua aprovação.

- Nível nacional – como a proposta actual de alterar a Prova Nacional de Seriação.

22. Em relação ao segundo nível, a ECS-UM, por exemplo, é uma das instituições que têm esta parceria.

Em relação ao Foundations of Medicine, o Professor Nuno Sousa,

afirmou que ele também estava envolvido num projecto com o NBME para que se forme na Europa uma rede de equivalências para que, através do Foundations of Medicine, alguém que tenha aprovação a esta Prova possa ter equivalência exacta num outro país também aderente a esta rede.

Mediante tantas respostas em que foi bastante evidente a diferenciação entre a perspectiva pessoal do Professor e a decisão que teria de ser tomada pela Comissão de acompanhamento a definir, colocámos também a questão da probabilidade do Professor integrar essa Comissão, especialmente tendo em conta que o professor é actualmente um dos responsáveis de escolas médicas a favor desta mudança. O Professor demonstrou abertura a esta hipótese se tal for considerado útil, mas tal não pode ser garantido.